

Conforto ambiental em edifícios Indicadores e medidas quantificáveis?

Fausto Simões
orbis.t2u.com

A arquitectura climática e a investigação solar tiveram um percurso discreto até ao anos setenta, ganhando impulso e popularidade com o movimento solar-passivo que emergiu na sequência do primeiro choque do petróleo.

Em Portugal, a teoria entretanto desenvolvida só nos anos noventa passou à prática corrente, ainda assim de forma tímida, designadamente com a entrada em vigor do Decreto-Lei 40/90 de 6 de Fevereiro, agora revisto.

Pode-se dizer que a qualificação térmica foi pouco mais do que empírica e pouco relevante nos edifícios construídos nos últimos cinquenta anos que representam mais de quatro quintos do actual parque edificado.

A difusão de novos padrões de vida na sociedade portuguesa e a debilidade que acompanha o forte envelhecimento da população, confrontam-se com a vulnerabilidade dos edifícios que hoje construímos menosprezando o clima e seguindo padrões que vão perdendo actualidade. A contenção da consequente dependência mecânica dos edifícios torna-se mais pertinente num quadro de alterações climáticas que requerem urgentes medidas de adaptação, para reduzirmos as nossas condições de exposição e vulnerabilidade.

Olhando para os próximos cinquenta anos, a constatação deste estado de coisas leva, à primeira vista, a privilegiar a qualidade térmica no contexto da qualidade ambiental, na reabilitação do parque edificado e em novos edifícios.

O apuramento dos métodos de concepção e de avaliação, bem como de novos e velhos materiais de construção facilita hoje a concepção e construção de edifícios sintonizados com o clima, mais “confortáveis” e menos dependentes de equipamentos, se a sua utilização for facilitada e igualmente sensata... e se o planeamento urbano o permitir.

Afigurando-se prioritária a introdução de isolamento térmico na adaptação dos edifícios ao frio, não se poderá afirmar o mesmo em relação ao calor, tendo em consideração as condições climáticas predominantes no território português.

No quadro do Verão mediterrâneo, ganha importância, não tanto o isolamento, mas a inércia térmica da construção.

A inércia bem como a protecção solar são qualidades que se expressam nos volumes gordos, alvos de cal da arquitectura popular mediterrânea e que nos brindam com a frescura interior no Verão.

Estas qualidades têm vindo a perder-se nos edifícios que se construíram ao longo dos últimos cinquenta anos, colocando problemas próprios na sua reabilitação, com maior pertinência se a aridez mediterrânea avançar no continente português devido ao aquecimento global.

Este cenário leva a ponderar o leque completo das estratégias para o Verão, no qual o isolamento térmico tem uma posição mais discreta. O jogo entre a inércia, a protecção solar, a ventilação natural, o arrefecimento evaporativo e o radiativo, integrados numa vivência omnisensorial de harmonia com o clima, apela para uma diversidade espacial em que avultam os espaços intermédios, no diálogo entre os edifícios e o espaço urbano, em benefício da vida dentro dos edifícios e da “vida entre os edifícios”.